

A QUEDA DOS CUTILLEIROS



| Teatro Oficina | Guimarães



A Queda dos Cutileiros

Se a criação de uma peça de teatro é uma aventura, e tem por obrigação de o ser, não devemos, não podemos saber por onde caminhamos. Podemos levar mapas. Podemos aprender com outros que já visitaram lugares semelhantes. Podemos preparar e planear a nossa expedição. Contamos com as nossas experiências do passado e escolhemos a nossa equipa com cuidado, mas ao fim e ao cabo, só é uma verdadeira aventura se descobrimos um território novo, algo que não vem no nosso mapa. Temos que saber arriscar, aproveitar as oportunidades que se apresentem, estar dispostos a deixar que cego guie cego no escuro.

Foi assim que dois Ingleses e um Belga lideraram uma expedição, que incluía também um explorador Brasileiro e três Portugueses e que começou em Guimarães. Nos bastidores um forte campo base forneceu todo o apoio logístico e moral necessário para o sucesso. Partimos à procura de uma cimeira.

A viagem levou-nos a dois sítios ao mesmo tempo: para dentro de Guimarães e para dentro de nós próprios. Para dentro do nosso actual meio local e para dentro do contexto maior da condição humana. Olhamos e escutamos à nossa volta. Ouvimos o que os outros tinham a dizer, passeamos nos jardins do Palácio de Vila Flor, comemos nas tascas da Rua de Camões, rimo-nos das extravagâncias do rocó e tentamos compreender os ritmos das fábricas de cutelaria. Olhamos para nós próprios, para o modo em que vivemos, a forma em que amamos, como cada um luta pela própria sobrevivência e dois meses mais tarde chegamos à Queda dos Cutileiros.

Graeme Pulleyn

Ficha Artística:

Ideia Original de:

Graeme Pulleyn | Walter Janssens | Helen Ainsworth

Criação colectiva de:

Graeme Pulleyn – Encenação | Walter Janssens – Direcção musical e encenação
Helen Ainsworth – Cenografia e figurinos | Cecília Dias – Interpretação
Carlos Rego – Interpretação | Diana Sá – Interpretação
Felipe Mafasoli – Interpretação

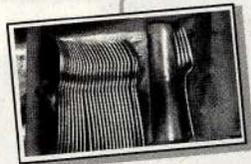
Equipa técnica:

João Fontes – Desenho de luz | Sofia Leite – Execução de figurinos
José Gonçalves – Execução de cenografia | Jacinto Cunha – Assistência técnica e de montagem

ESTREIA ABSOLUTA A 27 DE NOVEMBRO DE 2003 NO PALÁCIO VILA FLÔR EM GUIMARÃES



Era uma vez dois ratinhos que viviam numa leitaria



Santa Sebastiana, ó mártir dos cuteleiros, catolicamente repetes cheia de amor a história dos 2 ratinhos que caíram a uma taça de natas:

"Habiam 2 ratinhos que caíram a um balde de natas.

O primeiro desistiu de lutar e morreu.

O segundo lutou tanto,

tanto,

tanto,

que deu às patinhas com tal força que bateu as natas até fazer manteiga e saiu."

Santa Sebastiana que cozinhas o amor a entoar mantras-fados, mantras-salmos, afastas a tristeza com pais nossos, Abé Marias e muitos Améns.

Amén

Nota:

Santa Sebastiana lia os ç's, os ch's e os z's com dicção sibilante, de "sopinha de massa"



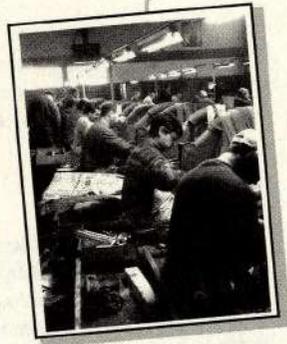
"As coisas primeiro são criadas, para o que elas servem vem depois. Dá-me uma ideia nova, uma ideia qualquer, qualquer que seja, e dir-me-á para o que serve depois. Por vezes, quando explico um plano, algo que penso que deveria ser feito, há sempre alguém que me pergunta: E depois? Só podes responder a perguntas como estas com outra questão. Por isso quando perguntam "E depois?" só se pode responder de volta: "E antes?"

Não há futuro; não há nunca futuro. Ao que eles chamam futuro é a maior mentira de sempre. O verdadeiro futuro é hoje. O que nos acontecerá amanhã? Não há amanhã! O que nos acontece hoje, agora? Essa é a única questão."

Introdução da "Vida de Don Quixote e Sancho" de Cervantes

Ver um céu num grão de areia
E o céu numa flor selvagem
Agarrar o infinito na palma da mão
E a eternidade numa hora

"Aguários de Inocência" de William Blake



"Age como se a máxima acção devesse, pela tua vontade, ser erigida
em lei universal da natureza."
Kant



"a condição necessária para que seja possível dizer não é que o não-ser seja uma
presença perpétua, em nós e fora de nós; é que o Nada esteja sempre intrometido no
ser".

"O Ser é vazio de toda a determinação que não seja a identidade consigo mesmo, ao
passo que o não-ser é vazio de ser...o ser é e o Nada não é".

"Não posso ter vergonha senão da minha liberdade, enquanto ela se me escapa para
se tornar objecto dado".

"uma grande parte da nossa vida ocupa-se a pleno".

"o comer é, entre outras coisas, encher-se".

A existência na filosofia de Jean-Paul Sartre

Quando é o tempo do trigo
É o tempo de trigar
A verdade é um postigo
A que ninguém vem falar.

Quantas vezes a memória
Para fingir que inda é gente,
Nos conta uma história
Em que ninguém está presente.

Todas as coisas que dizes
Afinal não são verdade.
Mas, se nos fazem felizes,
Isso é felicidade.

O burburinho da água
No regato que se espalha
É como a ilusão que é mágoa
Quando a verdade a baralha.

Por um púcaro de barro
Bebe-se a água mais fria.
Quem tem tristezas não dorme,
Vela para ter alegria.

Tenho um segredo a dizer-te
Que não te posso dizer.
E com isto já to disse
Estavas farta de o saber...

Compreender um ao outro
É um jogo complicado,
Pois quem engana não sabe
Se não estava enganado.

In "Quadras ao gosto popular", Fernando Pessoa



Os Cutileiros

Esta é a sala-museu da Cutelaria Cuteleiro.
Neste espaço estão reunidos o primeiro exemplar de cada uma das nossas criações, assim como os esboços dessas mesmas criações. Podemos ter oportunidade de ver algumas das nossas peças terem servido ilustres individualidades e que, depois de darem a volta ao mundo, retornaram ao berço.
Começamos pela primeira peça, a mais valiosa de todas: o primeiro talher. Cada vez que olho sinto um arrepio que percorre todo o meu corpo, como se apanhasse uma descarga eléctrica. Emana uma certa energia que tem ajudado, a mim, aos meus funcionários e à nossa empresa. Cada novo funcionário, no seu primeiro dia, toma contacto com este talher, tem-no nas mãos enquanto conto a história da Cutelaria. É um rito de iniciação que serve para o dotar do sentido da responsabilidade que o ajuda a tornar-se um óptimo funcionário. Antes de ser concebido um novo talher, o designer passa algum tempo junto do primeiro talher na busca de inspiração.
Continuando. Este talher é filho do acaso. Quem o criou, por inspiração divina, foi o meu ilustre antepassado Honorato Cuteleiro. Era ele um dos cuteleiros do nosso primeiro Rei, D. Afonso Henriques, fornecia o rei de todos os objectos cortantes necessários à sua função de Rei.

Um dia, após um bom jantar, Honorato teve necessidade de remover um pedaço de carne que teimosamente se recusava a abandonar o espaço entre dois dentes. Apanhou do chão uma lasca de ferro e com ela retirou a carne, ferindo-se numa gengiva. Entre dois palavrões atirou a lasca para longe acertando num bocado de carne gorda que se encontrava a instantes de ser devorada por um cão. Observando a situação de





Equipa permanente do Teatro Oficina

Presidente da Direcção - **Francisca Abreu**

Administração / Coordenação geral - **José Bastos**

Coordenação artística e de produção - **Vasco Macide**

Direcção técnica - **João Fontes**

Produção executiva - **Tiago Andrade**

Serviço administrativo - **Liliana Pina / Susana Costa**

Responsável de guarda roupa - **Sofia Leite**

Mestre carpinteiro - **José Gonçalves**

Apoio à produção técnica e montagem - **Jacinto Cunha**

Apoio administrativo - **Lurdes Carvalho**

Contactos do Teatro Oficina

Av. D. Afonso Henriques (Palácio de Vila Flor)

4810-431 Guimarães

tel > 253 516 569 | 253 516 527

fax > 253 516 526

email > geral.aoficina@mail.telepac.pt

Produção



Patrocínio

Câmara Municipal de Guimarães



Hermotor
GUIMARÃES

Áudio

Cutipol
Portugal